

DESÍGNIOS DA CARNE: QUANDO A LASCÍVIA RAPTA A INOCÊNCIA

Autor: Ivanildo da Silva Santos; Coautor: Lucas Leite Borba; Orientador: Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: A literatura traz, em seu bojo, as múltiplas representações que os sujeitos fazem de si e do outro, ao longo dos tempos e nos mais diversos espaços. Num cruzamento entre forma e conteúdo, entre estética e subjetividade, a tessitura literária acompanha a dinâmica da cultura, em suas contradições e conflitos. Sob esse prisma, os reverses da identidade ecoam em seus flancos, ora em desenhos opacos e tortuosos ora em imagens pacificadoras. É assim, por exemplo, que a homossexualidade adentra no espaço artístico, em fragmentações que oscilam entre a aceitação e o medo, a repulsa e o afeição. Não por acaso, pesquisas, nas mais variadas áreas do saber, buscam entender a dinâmica do desejo homossexual, no intento de fazer dissipar a bluma da ignorância que ainda engessa concepções conservadoras sobre o sexo e a sexualidade. Eis a proposta de nossa pesquisa: examinar, na literatura contemporânea, as estruturas de poder que fomentam discursos e imagens, por vezes ruidosas, sobre as relações homoafetivas, tornando visíveis as exclusões e interdições impostas a indivíduos assumidamente “diferentes”. Como arcabouço teórico, recorreremos às teorizações de Michel Foucault, em sua História da Sexualidade (2011), aos estudos de Eve Kosofsky (2004) e de Guacira Louro (2008). Nossas reflexões sustentam-se na leitura do conto Sargento Garcia, de Caio Fernando Abreu. A narrativa aborda, na perspectiva do protagonista, a descoberta da identidade sexual e o desejo homoerótico.

Palavras-chave: Literatura - Sociedade- Homoerotismo.

INTRODUÇÃO

A obra ficcional é a construção de uma memória coletiva ou individual, moldando, com clareza os discursos preconceituosos recorrentes na sociedade, "a ficção é um discurso informal do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele" (CHARTIER, 2010). As obras de temática gay carregam, em si, um discurso ideológico que possibilita ao homoafetivo ser ouvido, reiterando os seus direitos. O valor das obras de temáticas gays é muito importante para a construção de uma identidade como um grupo social. Nas palavras de Chartier(2010), algumas obras literárias possuem a capacidade de assegurar um testemunho da memória coletiva ou individual, tornando-se um artefato sócio-histórico da sociedade. É

um testemunho físico das representações sociais de um sujeito, grupo ou comunidade, “deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são representadas como tais” (CHARTIER, 2010, p. 25).

É com esse ensejo e com o auxílio de autores como Judith Butler (2004) e Michel Foucault (2011), que buscamos analisar o conto *Sargento Garcia* (1982), do escritor Caio Fernando Abreu, com vistas a desvelar os principais pontos da narrativa que apontam para a aceitação de uma condição sexual, sempre colocada como “patológica”: a homossexualidade. A partir dessa reflexão, tomaremos como reflexão as imposições inferidas para a insistência de uma normalização dos gêneros.

1. LITERATURA E SOCIEDADE: UM TESTEMUNHO ESCRITO SOBRE A REALIDADE SOCIAL

Os vínculos estreitos entre literatura e a partir dos signos são notáveis, devido seu caráter representacional do sujeito- social construído. Ao longo da história da humanidade, o texto literário exerce grande influência na ascensão, manutenção e proliferação de discursos no seio social. Em alguns períodos, tais discursos favoreceram o poder dominante, alienando aqueles que estavam à margem. Entretanto, nos momentos mais marcantes de nossa história, a influência da literatura foi decisiva para ecoar a voz da transformação e mudança.

A aproximação da obra literária e a realidade proporcionou a indivíduos marginalizados o direito a repensarem sua condição e posição, incorporando a si mesmos o direito a sua humanidade. E este caráter representacional da obra literária a impele a exprimir uma linguagem do social, estabelecendo-se como um testemunho da vida social, mas também como um artefato artístico, estético e imaginativo. Mas qual seria a função do texto literário? Ou qual seria sua influência no meio social? No seu livro *Literatura e Sociedade*, Antônio Candido (1985) faz alusão a possíveis respostas para estes impasses.

É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como a chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão; - e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependia de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista explicava pelos fatores externos, quanto o outro. Sabemos, ainda que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 1985, p. 11-15)

Através dessa perspectiva, Candido (1985) argumenta que a obra literária possui, em sua estrutura interna, resquícios das influências externas, compondo, assim, uma “expressão da sociedade”. Em princípio, o autor tece um ponto de vista a respeito de suas maiores inquietações e reivindicações, tentando responder às insatisfações que o rodeia. E o contato

da obra com o leitor extrapola os limites da sua estrutura, pois proporciona uma associação com sua vivência e impasses. De fato, o texto literário funde sua integridade à realidade social, sendo encaminhada pelas questões sobre o meio social. Portanto, a obra, em sua dinâmica com a exterioridade que a influencia, viria a ser um instrumento que se interessa pelos problemas externos, mesmo que isto não se torne tão evidente de imediato. Para isto, cabe à crítica literária elucidar este olhar ativo da literatura na dinâmica da vida social. Ao possuir um caráter constitutivo da memória coletiva e individual, a obra ficcional molda com clareza, *“um discurso informal do real, mas não pretende representa-lo nem abandonar-se nele”* (CHARTIER, 2010, p. 24-25). Segundo Candido (1985), no seu artigo *O direito à literatura* (1995) *“uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanistas. [situações em que o autor] parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica”* (CANDIDO, 1995, p.250). O conceito de literatura “empenhada” propõe o estabelecimento de uma atividade literária que vise à construção de um país livre, produzindo obras que expressem o ponto de vista do habitante local, anseios, temores e demais necessidades.

A atividade literária é um instrumento de educação e, muitas vezes, de pretensões implicitamente ideológicas. As obras literárias são, de certa maneira, não mais que astuciosas do que outras formas de discursos difundidos e cristalizados em nossa sociedade, pois suas estruturas figurativas não necessitam defender, unicamente, uma “pretensão de conhecimento”. Entretanto, podem, em suas próprias condições, ser um “canal de comunicação” para homens e mulheres interpretarem suas condições, ou questionar as formas de poder vigentes. Apreendemos que, utilizando um discurso sutil, ou até em alguns casos explícitos, o texto literário é o próprio meio no qual o sujeito vivencia sua relação com a sociedade, devido, à polissemia linguística e práticas sociais que interligam nossas vidas a uma estrutura social, emprestando-nos um sentimento de identidade ou desconstrução.

Ou seja, a literatura funciona como uma motivação para a sociedade humana, empreendendo predileções conscientes as relações de poder, isto, quando é utilizada como uma crítica política aos sistemas dominantes. Deste modo, a literatura é inteiramente ligada aos problemas, aos direitos humanos mais essenciais. É uma necessidade comparável à alimentação, moradia e demais carências humanas. Candido (1995) ratifica que a literatura deve ser compreendida como um direito básico do ser humano.

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995, p.124)

Diante do exposto, passaremos a analisar como a crítica dos Estudos de Gênero e Queer auxiliam na compreensão dos discursos normalizadores sobre os transgressores de gênero.

2. AS NORMAS E REGULACÕES IMPOSTAS À HOMOSSEXUALIDADE

Ao percorrermos a história da humanidade, os aspectos subjetivos e sociais da homossexualidade foram severamente, regulados ou condenados, de acordo com as normas vigentes nas diversas culturas e períodos em que ocorreram. Na Grécia Antiga, era admirada e controlada, e tida como uma maneira de melhorar a sociedade. Na Europa do fim do século XIX, condenada e considerada como algo patológico e moralmente pecaminoso. Em muitas situações, os sujeitos conhecidos como “sodomitas”, “pederastas” ou propagadores do “pecado contra a natureza” eram impedidos, por proibições legais, de vivenciarem sua própria subjetividade. De quais maneiras as leis/normas privaram essa condição da natureza humana?

Para Judith Butler (2004), as regras concretas e leis políticas são normas incorporadas na vida dos sujeitos através de processos de institucionalização e, mediante esses órgãos reguladores, o gênero é controlado. Entretanto,

A regulação de gênero não significa, simplesmente, submetê-lo à força externa de uma regulação. Se gênero pudesse existir anteriormente à sua regulação, poderíamos, então tomar gênero como tema e seguir a enumerar os vários tipos de regulações ao qual está sujeito e as formas nas quais essa sujeição acontece. O problema para nós, contudo, é mais grave. Afinal, existe um gênero que preexiste à sua regulação, ou trata-se de uma situação em que, ao ser sujeito à regulação, o sujeito gendrado emerge, produzido na e por meio daquela forma particular de sujeição? Não será a sujeição o processo pelo qual as regulações produzem gênero? (LIMA, 2017, p. 692)

O que Butler (2004) questiona é que há instâncias específicas para exercer poder de controle e submissão sobre o gênero. E ainda propõe uma reflexão sobre como a opressão produz os sujeitos, pela e na constante reiteração e citação do poder dessas regras em torno dos sujeitos transgressores de gênero.

Todavia, o conceito de sujeição e regulação é derivado do pensamento de Michel Foucault (2011), que diz (1) o poder regulador contorna e condiciona um sujeito pré-existente, e as instâncias jurídicas possuem seu efeito produtivo, e (2) ao ser sujeito por uma norma/regulação o sujeito torna-se regulado, e posteriormente, é produzido por meio dos discursos reguladores. Há instituições tradicionais como o Estado, as igrejas ou a ciência que delimitam os padrões que legitimam as práticas sexuais e de gênero.

As instituições tradicionais regulam os discursos teóricos e políticos, atestando ou marginalizando os sujeitos abjetos descumpridores da normalização sexual imposta por sua vigilância e controle. Por que os sujeitos considerados abjetos são interditados pelas instâncias legais?

Nas palavras de Foucault (2011), o sexo é reprimido pelas interdições impostas pelo discurso de/sobre a sexualidade.

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menos eclosão de verdade é condicionada politicamente. (FOUCAULT, 2011, p.

Para Foucault, a repressão reduz o sexo a um discurso teórico, capaz de silenciar e institucionalizar suas práticas e atuações na sociedade, havendo técnicas de poder que evidenciam uma “colocação do sexo como discurso”. E, através do discurso de/sobre a sexualidade, evidencia-se “o dispositivo da sexualidade”. Qual o conceito de dispositivo?

Em sua obra *História da Sexualidade I: A vontade do saber*, (2011) Foucault descreve as construções em torno da sexualidade como discursos impostos por dispositivos de poder. Porém, na entrevista concedida à *International Psychoanalytical Association (IPA)* o autor explica mais claramente o conceito de dispositivo como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2011, p.244)

Contrapondo, a visão foucaultiana, em que alguns aspectos o poder regulador sobre o gênero é permeado de normas sociais e culturais mais abrangentes, dando só a impressão de ser algo mais vasto. Judith Butler (2004) é concisa em assegurar que há uma forma particular e distinta que governa e controla os gêneros, pois “o aparato que governa gênero é ele próprio específico de gênero”. Pois pensar gênero como norma é ponderar que

A norma governa a inteligibilidade, permite que certos tipos de práticas e ações sejam reconhecidos como tal ao impor ao social uma grade de inteligibilidade e ao definir os parâmetros do que aparecerá ou não dentro do domínio do social. A questão do que deve ficar fora da norma coloca um paradoxo a se refletir, porque se a norma faz com que o campo social seja inteligível e o normaliza para nós, então estar fora da norma significa, em algum sentido, ainda ser definido em relação a ela. Não ser “exatamente” masculino ou feminina ainda é ser compreendid(a) exclusivamente nos termos da nossa relação com o “exatamente” masculino ou o “exatamente” feminino”. (LIMA, 2017, p. 694)

Nesse ponto, a filósofa americana Butler (2004) define gênero como o conjunto de aparato pelo qual o próprio gênero é condicionado, ou seja, “*opera dentro de práticas sociais como o padrão implícito de normalização*” (LIMA, 2017, p.694).

Diante do exposto, analisaremos a opressão, preconceito e dores impostas àqueles indivíduos transgressores que burlam todas as interdições para vivenciarem o desejo que “*não ousa dizer seu nome*”.

3. “MEU CAMINHO, PENSEI CONFUSO, MEU CAMINHO NÃO CABE NOS TRILHOS DE UM BONDE”: UM DESEJO AUTORITARIAMENTE PROIBIDO

O conto *Sargento Garcia* é parte, integrante do premiado livro *Morangos Mofados*, publicado originalmente em 1982. É um marco da escrita homoerótica no Brasil. O livro é dividido em duas partes: *O Mofo* e *Os Morangos*. A primeira parte do livro intitulada “*O Mofo*”, retrata o cotidiano angustiante e opressor daqueles considerados “anormais” e

“doentes” do corpo e do espírito: os homossexuais. Na segunda parte, denominada “*Os Morangos*”, há uma preocupação de buscar um novo projeto político-social cultural que dê respaldo aos anseios fracassados dos corajosos e atrevidos que ousam desafiar o autoritarismo militar. É a busca de um novo projeto. O *Mofo* simboliza o apagamento de todos os sonhos que a juventude rebelde da contracultura travou contra o regime militar no Brasil. Os personagens dos 09 (nove) contos pertencentes a essa parte do livro, reproduzem o soco abafado dos marginalizados pelo sistema opressor. É o silêncio doloroso dos oprimidos. Porém, *Os Morangos* reintroduzem a “esperança” de uma saída, é uma tentativa de encontrar novos rumos seguros. O vermelho e viço dos morangos personificam a morte, amor, renascimento e brilho dos movimentos contestatórios.

Nas palavras de Heloísa de Holanda (1982), chama atenção para como

Caio aplica-se na definição de gestos, falas, sentimentos que, aos pedaços, começam a traçar o painel de um momento da história de vida de uma geração. Ao contrário, o movimento crítico se faz sentido de flagrar uma incerta dor ao lado de um gosto amargo de morangos mofando que atravessa insistentemente os encontros e desencontros de seus personagens. Caio escolhe o caminho de pequenas provas de evidência onde, uma vez extraído o sentimento de época, consegue fazer aflorar dramaticamente os limites e os impasses daquela experiência, sem que com isso encubra seus conteúdos de busca e desejo de transformação. (p. 11)

Então transformando em arte e reflexão a experiência de “sair do armário”, o autor revela em seus personagens sua “autocrítica irônica” do preconceito, rejeição e opressão dos “perversos” e “invertidos” na sociedade brasileira.

O conto *Sargento Garcia* é narrado em primeira pessoa. Na voz do jovem recruta Hermes, sente um enorme medo, ao perceber a excitação que o seu corpo sente ao cruzar-se com os “*olhos de cobra percorrendo meu corpo vagorosamente*”(p. 79). Ele está descrevendo como a autoridade do sargento Garcia desperta os seus desejos mais luxuriosos, pois “*a brasa quente passou raspando junto à minha face*” (p. 81). É descrito, em suas palavras, uma sala lotada de homens curiosos se entreolhando e descobrindo o corpo um do outro, como soldados espartanos dividindo a admiração pela beleza da virilidade do corpo masculino.

O narrador dá atenção à natureza animalesca do corpo masculino ao dizer que “*muito perto, cheiro de suor de gente e cavalo, bosta quente, alfafa, cigarro e brilhantina*”. A figura de animais como cobra, cavalo, leão é utilizada para enfatizar sentimentos referentes ao desejo sexual pelo órgão sexual masculino e todo seu poder. E as fezes e o suor para remeter ao sexo homossexual, pois é referência ao suor e as fezes expelidos pelo corpo de dois homens copulando e utilizando o ânus como orifício permissível de sentir prazer. O sargento Garcia é seu predador, e ele a presa, porém, é uma passividade de vítima que subverte sua posição de frágil para obter gozo e prazer. Ele é cômico do poder que exerce sobre seu sargento. E, minuciosamente, deixa-se levar pelo ataque do animal que sabe prever suas reações “*sorri. eu pressenti o ataque. e quase admirei sua capacidade de comandar as reações daquela manada bruta da qual, para ele, eu devia fazer parte. presa suculenta, carne indefesa e fraca*” (p.82).

A partir desse encontro, Hermes começa a descobrir o significado das suas inquietações noturnas e, ao mesmo tempo, admite e sente-se tonto e confuso diante daquele “*falcão atento à presa, forte.*” (p. 82) e diz

Não me fira, pensei com força, tenho 17 anos, quase 18, gosto de desenhar, meu quarto tem um Anjo da Guarda com a moldura quebrada, a janela dá para um jasmineiro, no verão eu fico

tonto, meu sargento, me dá assim como um nojo doce, a noite inteira, todas as noites, todo o verão, vezenquando saio nu na janela com uma coisa que não entendo direito acontecendo pelas minhas veias, depois abro *As mil e uma noites* e tento ler, meu sargento, sois um bom dervixe, habituado a uma vida tranquila, distante dos cuidados do mundo, na manhã seguinte minha mãe diz sempre que tenho olheiras, e bate na porta quando vou ao banheiro e repete repete que aquele disco da Nara Leão é muito chato, que eu devia parar de desenhar tanto, porque já tenho 17 anos, quase 18, e nenhuma vergonha na cara, meu sargento, nenhum amigo, só esta tontura seca de estar começando a viver, um monte de coisas que eu não entendo, todas as manhãs, meu sargento, para todo o sempre, amém. (p.83)

No trecho acima, torna-se evidente a inferência a uma inocência prestes a ser violada, principalmente na referência a um objeto no quarto dele, que é um Anjo da Guarda com a moldura deteriorada. Compreendemos a moldura da imagem do anjo como algo que tente preservar a pureza, guarda-la dos possíveis invasores ou penetradores de sua preciosa virtude. Todavia, está quebrada e leva-nos a entender que o anjo não conseguiu resistir ao impulso de viver. Então, resolve quebrar sua moldura e sair. Podemos comparar isso à primeira experiência sexual que o jovem Hermes, posteriormente, terá. E sua vida tranquila deixará de existir, a partir do momento em que seu desejo for liberto pela moldura social que o aprisiona. O narrador cita *As mil e uma noites*, a história da jovem Xerazade, esposa do sultão Xariar que consegue escapar do seu triste destino contando histórias para o seu rei. Através de um jogo de sedução, a jovem Xerazade consegue amolecer o coração do terrível rei. É uma alusão ao jogo de sedução, e palavras entrecortadas que existe entre Hermes e Garcia.

Ao encontrar o sargento Garcia, após ser liberado de servir ao exército, Hermes aceita a proposta de conhecer um lugar “*a gente pode ficar mais à vontade, sabe como é. Ninguém incomoda. Quer?*” (p.88). Como nunca tinha se visto diante de convite tão tentador, ele fica perdido em pensamentos sem saber como descrever o seu “sentir”, e

Me vinha a sensação de que o mundo era enorme, cheio de coisas desconhecidas. Boas nem más. Coisas soltas feito aqueles reflexos e sombras metidos no meio de outras coisas, como se nem existissem, esperando só a hora da gente ficar ofuscando para sair flutuando no meio do que se podia tocar. Assim: dentro do que se podia tocar, escondido, vivia também o que só era visível quando o olho ficava tão inundado de luz que enxergava esse invisível no meio do tocável. Eu não sabia. (p.89)

Quando o sargento Garcia percebe que Hermes, também deseja entregar-se ao prazer do fazer sexo com outro homem. Ele gentilmente conduz as mãos de Hermes até o meio de suas pernas “*meus dedos se abriam um pouco. Duro, tenso, rijo, Quase estourando a calça verde.*” (p.89). Tocando o pênis rijo, pulsante e ardendo de desejo de Garcia, Hermes começa a ter um misto de sentimentos, e em meio à opacidade de sua visão, permite-se inundar pelo transbordamento daquele momento. Mas, tem um flashback de sua infância, em que seu primo pronunciava palavras ofensivas destinadas a agredir os homossexuais. As memórias reforçam a violência e opressão sofrida em sua infância, mas também uma resignificação de si. Ele confessa a Garcia que nunca tinha feito sexo antes. E diz: “*Nunca fiz isso*” (p.89). E Garcia retruca: “*Pois eu te ensino. Quer?*” (p.89).

Então, no quarto de número 7, de uma pensão administrada pelo travesti Isadora, Hermes tem sua primeira vez. Em suas palavras, descreve cada momento do prazer de viver

seu verdadeiro “eu”. E diz:

Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim. (p.92)

O jovem Hermes sente-se como um “animal” liberto. Aperceber-se como detentor de uma singularidade, de um modo específico e único de reconhecer o mundo, pois todos os gestos, gostos, tatos e sabores passam a fazer sentido. E percebe que algo foi liberto de dentro dele, e que jamais voltará a silenciar. E, corajosamente, reflete “*como uma língua molhada nervosa entrando rápida pelo mais secreto de mim para acordar alguma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda naquele mais de dentro de mim*” (p.93).

Caminhando entre estátuas de deuses mitológicos, o narrador vê-se perdido em pensamentos, prazeres nunca antes ditos em voz alta. E experimenta a doce sensação de liberdade. E apenas, “queria dançar sobre canteiros, cheio de uma alegria tão maldita que os passantes jamais compreenderiam” (p.94).

Ressaltamos que Hermes aceita os aspectos individuais de sua homossexualidade, vindo a dar um significado a sua própria humanidade. Ele sabe que sofrerá os desprezos impostos aos indivíduos subversivos da matriz heterossexual. No entanto, clandestinidade do seu desejo colocará em questão todo o poder regulador de seus algozes. Já que suas restrições o colocarão em trilhos díspares à normalização imposta aos “diferentes”, porque “*meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde*”. (p.94). E termina utilizando uma metáfora de que a partir, daquele momento irá viver sua verdadeira identidade sexual, portanto “*amanhã, decidi, amanhã sem falta começo a fumar*” (p. 94).

CONCLUSÕES

Nessa conjectura, averiguamos que o sujeito homossexual é marginalizado à esfera do “underground”, sendo considerado, em nossa sociedade, como algo “desprezível”, “patológico” e “pecaminoso”. A literatura é um instrumento de resignificação para o silêncio impelido aos indivíduos considerados abjetos, pois garante a visibilidade de sujeitos homoafetivos, destacando seu cotidiano.

A partir da narrativa do conto *Sargento Garcia*, de Caio Fernando Abreu, interpretamos as tessituras das opressões e sanções que sofre a homossexualidade, propiciando um deslocamento de poder para que a voz do oprimido possa pensar as regulações e normas que o oprimem. E tratar o gênero como algo “contingente”, e não universalmente fixo e imutável. Seguiremos, assim o conselho de Butler (2004) que nos aconselha a pensar o gênero como algo duvidoso, e parte de um processo de iterabilidade incapaz de possuir uma essência ou universalidade.

E, consideramos a necessidade de maiores abordagens relacionadas às temáticas de

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2013

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2010

BUTLER, Judith P. **Regulações de Gênero e Butler: desregulando gênero**. BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; Costa, Claudia de Lima, LIMA, Ana Cecília Acioli. (Orgs.) Traduções da Cultura. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*, tradução de Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade do saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.